

Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de capítulos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Mulher: Política contra a violência é fundamental | Imagem: [Contraf/CUT \(2022\)](#).

Violência contra Mulher no século XIX em Sergipe: uma revisão de escopo em dissertações e monografias do DHI/UFS e do PROHIS/UFS

Regiane Rodrigues Moura (UFS)

Resumo: Esta revisão de escopo analisa monografias e dissertações do PROHIS/UFS e do DHI/UFS (2014–2024) que abordam mulheres, gênero e violência, identificando padrões, lacunas e descritores empregados. Os resultados mostram baixa representatividade do tema, concentração de estudos em representações femininas e reduzida atenção à ação das mulheres e ao recorte racial. A violência contra mulheres no século XIX é pouco explorada. As conclusões destacam a necessidade de ampliar pesquisas que articulem gênero, raça, violência e justiça no contexto sergipano oitocentista.

Palavras-chave: violência contra mulher, século XIX; Sergipe.

1. Introdução

O presente texto apresenta os resultados de uma revisão de escopo realizada nos meses outubro e novembro de 2025, como requisito parcial para o aprofundamento bibliográfico do projeto de pesquisa intitulado “Crimes contra as mulheres no século XIX: um estudo sobre violência e justiça social em Sergipe (1835-1892)”, submetido ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS), na linha de pesquisa Relações Sociais e Poder.

A revisão tem como objetivo analisar a representatividade dos estudos sobre mulheres no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS) e no Departamento de História (DHI/UFS). Busca-se nas produções discentes, identificar os padrões temáticos predominantes, evidenciar como o recorte racial tem sido incorporado, mapear a distribuição temporal das pesquisas e avaliar os descritores utilizados. Pretende-se, portanto, compreender de que forma o tema das mulheres e violência vem sendo construído na historiografia recente produzida por alunos da graduação e da pós-graduação em História no estado de Sergipe. Nos trabalhos, também busca-se analisar como as mulheres são representadas a partir das categorias de raça, ação e representação.

As fontes desta revisão são dissertações e monografias disponíveis no repositório de teses e dissertações da UFS, defendidas no PROHIS, bem como ao curso de licenciatura em História, no período 2014-2024, que contém em seus títulos ou resumos os descritores: “mulher”, “feminino”, “feminista”, “feminina”, “gênero”, “violência sexual”, “violência doméstica”. A amostra resultante foi examinada por meio de técnicas da análise de conteúdo orientada a problemas (Krippendorff, 2019), seguindo as etapas de formulação de questões, seleção de textos, definição de unidades amostrais, codificação temática e elaboração de inferências interpretativas.

A pertinência desta análise justifica-se pela escassez de revisões de literatura dedicadas ao estudo histórico da violência contra a mulher em Sergipe oitocentista, bem como pela necessidade de mapear, futuramente, o estado da arte sobre o tema e suas interfaces com o debate contemporâneo sobre justiça social e relações de gênero.

Os resultados da revisão são apresentados em duas seções: “visão geral” e “contribuições à pesquisa atual”. Por fim, sintetizados nas conclusões, que destacam os desdobramentos teóricos e metodológicos dessa investigação para a pesquisa de mestrado em andamento.

2. Visão geral da produção do PROHIS/UFS e do DHI/UFS

A presente seção reúne os resultados obtidos a partir do mapeamento e da análise das produções acadêmicas do PROHIS/UFS e do DHI/UFS relacionadas aos estudos sobre mulheres. Inicialmente, apresenta-se um levantamento quantitativo e qualitativo das produções. Em seguida, examina-se a distribuição e a frequência dos descritores empregados nas pesquisas. Por fim, delinea-se o perfil da mulher representada nas monografias e dissertações, com ênfase nos eixos de ação, raça e representação.

2.1. Números e frequências ao longo do tempo

Ao longo de sua trajetória, o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS) apresentou uma produção acadêmica significativa, com

destaque para o ano de 2023, que registrou o maior número de dissertações defendidas (18 trabalhos), enquanto 2025 foi o ano menos produtivo. Ao todo, foram 137 trabalhos defendidos nos últimos dez anos.

A análise temática das dissertações revela a amplitude e a heterogeneidade da produção historiográfica. As pesquisas abrangem campos que vão desde os estudos medievais e modernos até investigações voltadas ao Brasil imperial, republicano e contemporâneo, com forte presença de abordagens relacionadas à história política, religiosa e cultural. Nota-se, ainda, uma incidência expressiva de trabalhos dedicados à ditadura civil-militar, à imprensa, aos movimentos sociais, ao patrimônio, às manifestações culturais e à memória. Paralelamente, questões vinculadas às relações étnico-raciais, ao gênero e às desigualdades passam a ganhar espaço, ainda que de maneira assimétrica, indicando a inserção gradual de agendas associadas à história social e às novas sensibilidades.

No que diz respeito às monografias, do período analisado, compreendido entre 2015 e 2025, a análise quantitativa das produções permite identificar o ritmo e a constância do trabalho acadêmico desenvolvido. O levantamento de 236 registros demonstra um ciclo de crescimento contínuo entre 2015 e 2019, com média anual superior a vinte e sete monografias.

O ano de 2021 marcou o período de maior intensificação das defesas, totalizando cinquenta e uma monografias. A partir de então, verifica-se um movimento de estabilização, com vinte e três trabalhos em 2022 e vinte e um em 2023, mantendo-se um volume superior ao observado em décadas anteriores.

O conjunto de mais de duzentas monografias produzidas ao longo da história do curso demonstra ampla diversidade temática e temporal. As pesquisas abrangem desde a Antiguidade e a Idade Média, com estudos voltados à religiosidade, à cultura e às representações, até o período moderno e contemporâneo, privilegiando problemáticas como a Inquisição, o catolicismo, a escravidão, o cangaço, o ensino de História, os regimes autoritários e as relações de gênero.

Infelizmente, a totalidade da produção, que remonta a meados dos anos 1990 não pode ser consultada, devido a ausência de inventário especializado. A produção consultada refere-se ao material disponível no repositório digital da UFS.

2.2 Distribuição e frequência de descritores

Em se tratando das dissertações, no que se refere especificamente às pesquisas com enfoque na temática feminina, observou-se um número reduzido de produções: apenas oito dissertações abordaram questões relacionadas às mulheres, o que evidencia uma baixa representatividade do tema no interior do programa.

Em comparação com as dissertações, as monografias que abordam a temática feminina apresentaram também um número reduzido, totalizando apenas treze trabalhos no período analisado. Embora mais numerosas que as dissertações, essas produções representam uma fração pequena diante do volume geral de pesquisas desenvolvidas no DHI/UFS, deixando evidente que a temática das mulheres também tem sido marginalizada nas investigações de graduação.

A análise dos descritores utilizados nas pesquisas de mestrado revela a predominância dos termos “feminina”, “mulheres” e “gênero”. O descritor “feminina” esteve presente em três trabalhos (2019, 2020 e 2021); o descritor “mulheres” também foi identificado em três

dissertações (2015, 2018 e 2022); enquanto “gênero” apareceu em dois estudos (2014 e 2023).

No caso das monografias, observa-se um cenário distinto: o descritor “mulher” é o mais frequente, totalizando cinco ocorrências e configurando-se como o principal eixo temático das produções examinadas. Em seguida aparecem “feminina” e “feminino”, que somam cinco registros (três do primeiro e dois do segundo). O termo “gênero” foi empregado em duas monografias, e “mulheres” surge apenas uma vez. Destaca-se, ainda, a ausência dos descritores “feminista”, “violência sexual” e “violência doméstica”, o que demonstra a baixa incorporação de abordagens voltadas à violência de gênero no conjunto das pesquisas analisadas.

A distribuição temporal das dissertações demonstra que, entre 2014 e 2023, o programa apresentou no máximo um trabalho por ano relacionado à temática feminina, com lacunas evidentes em 2016 e 2017. Em termos temporais, observou-se também que duas pesquisas se concentraram no século XIX, uma abrangeu o período de transição entre os séculos XIX e XX, cinco abordaram temáticas relativas a mulheres no século XX e apenas uma dedicou-se ao estudo de mulheres no século XXI.

No que se refere às monografias sobre mulheres, verificou-se que as produções estão concentradas em dois momentos: 2017, com quatro trabalhos, e 2021, com oito trabalhos, além de uma ocorrência em 2022. Observou-se que dois trabalhos se dedicaram ao século XIV, enquanto outros dois enfocaram os séculos XV e XVI. Além disso, uma monografia analisou o século XII e outra voltou-se ao século XVII, demonstrando certa dispersão temática dentro da Idade Média e da Época Moderna. Já o século XIX aparece em duas pesquisas voltadas à mulher oitocentista. Por sua vez, o século XX concentra o maior número de produções, totalizando quatro estudos que abrangem temas como educação, sexualidade, imprensa e participação feminina na Segunda Guerra Mundial. Não foram identificados trabalhos dedicados ao século XXI.

No que diz respeito à mulher e à violência no século XIX, o corpus específico do PROHIS/UFS está centrado em apenas uma dissertação que transita entre o XIX e o XX “Mulheres negras nas comarcas sergipanas (1888-1940): gênero, “raça” e classe (Santos, 2018).

Já no DHI/UFS, o tema Violência e Mulheres no século XIX mostra-se também bastante limitado, abrangendo apenas duas monografias que abordam diretamente o período oitocentista: Bomfim (2021) e Pereira (2021). Nenhuma delas, contudo, trata da violência física contra mulheres ou de ocorrências concretas registradas em processos criminais. Ambas se dedicam às representações sociais e normativas que conformaram a feminilidade no século XIX, explorando dimensões de violência simbólica, moral e discursiva.

2.3. Representações de mulher nas monografias e dissertações

No conjunto das treze monografias, o eixo da representação se destaca como o mais recorrente, aparecendo em 77% dos trabalhos (10 de 13), enquanto a ação das mulheres é explorada de forma direta em apenas 31% (4 de 13), e o recorte racial não aparece em nenhuma delas (0%). Já entre as nove dissertações, a representação feminina corresponde a 67% da produção (6 de 9); a ação das mulheres aparece em 33% (3 de 9); e o eixo raça também está presente em 33% (3 de 9).

2.3.1. Ação das mulheres

Nas dissertações, 33% dos trabalhos destacam diretamente o protagonismo feminino. Entre eles, Oliveira (2022) analisa a militância política de mulheres no Movimento Feminino pela Anistia em Sergipe; Santos (2018) apresenta mulheres negras acionando o sistema de justiça para defender honra e direitos no pós-abolição; e Oliveira (2023) demonstra o exercício de autoridade econômica por senhoras de engenho no século XIX. Nas monografias, embora o tema seja menos frequente (31%), também há expressões de protagonismo. Moura (2021) destaca o poder monárquico por Berenguela de Castela; Santos (2021) reinterpreta a atuação política e religiosa da imperatriz Teodora; Sobral (2017) evidencia a indumentária feminina no Brasil colonial; e Guimarães (2022) destaca as representações femininas no correio de Aracaju no início do século XX; Já (Souza, 2022) analisa a participação feminina durante a Segunda Guerra Mundial. Santos (2017) acrescenta a esse conjunto o protagonismo intelectual e profissional da médica Ítala Silva de Oliveira no início do século XX.

2.3.2. Raça das mulheres

Nas dissertações, o recorte racial aparece em 33% dos trabalhos. Santos (2018) discute a experiência jurídica de mulheres negras no pós-abolição; Santos (2019) analisa o cabelo crespo como símbolo de resistência e identidade negra feminina; e Silva (2022) examina as representações de mulheres negras na literatura de cordel de Jarid Arraes.

Nas monografias, porém, o eixo raça é completamente ausente (0%). Nenhum dos treze trabalhos mobiliza categorias como "mulher negra", "mulher indígena" ou debates sobre racialização da feminilidade.

2.3.3. Representação de mulheres

A representação feminina é o eixo mais expressivo tanto nas monografias quanto nas dissertações. Nas treze monografias, ela corresponde a 77% dos trabalhos, com estudos que analisam discursos médicos (Santos, 2017), códigos de vestimenta (Sobral, 2017), literatura moralizante (Bomfim, 2021), imprensa da Belle Époque (Santos, 2017; Guimarães, 2022) e representações político-religiosas (Santos, 2021).

Nas dissertações, 67% das pesquisas examinam representações culturais e literárias. Costa (2021) analisa discursos sexualizados e disciplinadores; Rocha (2015) revela mecanismos de violência simbólica nas anedotas oitocentistas; Melo (2014) relaciona literatura e controle moral; e Silva (2022) discute a reconstrução das imagens de mulheres negras no cordel contemporâneo.

De forma geral, enquanto as dissertações demonstram maior diversidade temática e maior articulação entre gênero, raça e ação feminina, as monografias concentram-se na representação da mulher, com pouca exploração de agência e ausência do eixo racial.

3. Os desdobramentos desta revisão para a minha investigação no mestrado

A partir desta revisão, identificam-se caminhos significativos para aprofundar a investigação no mestrado citada na introdução deste texto. O mapeamento das produções

evidenciou lacunas e possibilidades que orientam as futuras escolhas teóricas, metodológicas e analíticas.

Em primeiro lugar, percebe-se que a atuação feminina no século XIX permanece pouco explorada em suas dimensões políticas, jurídicas e cotidianas, especialmente no contexto sergipano, foco do atual estudo. As monografias que abordam a presença da mulher destacam aspectos representacionais ou culturais, o que reforça a necessidade de avançar em análises estruturadas sobre sua participação em processos institucionais e conflitos judiciais. Além disso, a ausência de pesquisas que articulem gênero, justiça e dinâmica estatal na formação do Estado brasileiro revela uma oportunidade para projeto em tela: integrar a atuação feminina às discussões sobre Estado, dominação patrimonial e justiça.

Outro desdobramento importante diz respeito ao recorte metodológico. As lacunas observadas na produção sugerem a pertinência de um estudo apoiado em fontes primárias como processos criminais e códigos jurídicos que permitam reconstruir práticas, disputas e tensões vividas pelas mulheres no sistema judiciário. Assim, a pesquisa de mestrado em questão pode contribuir para preencher vazios historiográficos e novas interpretações sobre a experiência feminina no século XIX.

A revisão também evidencia a necessidade de dialogar com teorias contemporâneas sobre agência, violência e cidadania, permitindo uma análise que ultrapasse o registro descritivo e alcance explicações sobre como as mulheres confrontaram, negociaram ou sofreram os mecanismos de dominação estatal e patriarcal.

4. Conclusão

A revisão de escopo realizada permitiu identificar o estado da arte sobre os estudos dedicados às mulheres e à violência na produção discente do PROHIS/UFS e do DHI/UFS entre 2014 e 2024, atendendo ao objetivo de aprofundar o embasamento bibliográfico do projeto “Crimes contra as mulheres no século XIX: um estudo sobre violência e justiça social em Sergipe (1835-1892)”.

O primeiro achado refere-se à baixa presença quantitativa da temática: embora as pesquisas sobre mulheres apareçam com alguma regularidade, elas representam apenas uma pequena parcela das dissertações e monografias defendidas no período, evidenciando um campo ainda em construção. No plano temático, a análise demonstrou a predominância de estudos voltados às representações femininas, privilegiando discursos e construções simbólicas, enquanto abordagens que discutem a ação das mulheres e experiências de violência permanecem restritas. A própria distribuição temporal confirma esse comportamento: há concentrações pontuais de trabalhos em determinados anos, mas sem continuidade que indique uma linha de pesquisa sobre mulheres e violência no século XIX.

Quanto à incorporação do recorte racial, observou-se que ele aparece de forma pontual e pouco explorada, presente em algumas dissertações, mas quase ausente nas monografias. Essa invisibilidade revela que a categoria ainda não foi plenamente integrada às investigações sobre mulheres e violência no âmbito da UFS. A avaliação dos descritores reforça esse diagnóstico: termos como “mulher”, “feminino” e “gênero” dominam o *corpus*, enquanto descritores diretamente associados à violência, como “violência sexual” e “violência doméstica”, praticamente não são empregados.

A baixa representatividade numérica das pesquisas, a fragmentação temporal, a reduzida articulação de gênero com categorias como raça e ação, e o uso restrito de descritores

relacionados à violência revelam um campo ainda incipiente e marcado por lacunas importantes. Nesse sentido, a revisão não apenas mapeia a produção, mas demonstra a urgência de novas pesquisas que articulem violência, gênero, raça, poder e justiça no oitocentos, especialmente no contexto sergipano.

Referências

BOMFIM, Ana Carolina Santos. *Moreninhas: a mulher ideal oitocentista*. 2021. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

CONCEIÇÃO, Anália Vanessa Machado da. *Por uma nova Idade Média: tendências e possibilidades de aplicação da categoria gênero na medievalística brasileira*. 2021. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

COSTA, Johnatas dos Santos. *Gênero alegre, pornografia e representações femininas: um estudo sobre o jornal O Rio Nu (1898-1916)*. 2021. 172 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2021.

GUIMARÃES, Alice Batista. *Mulher em papel: as representações femininas no Correio de Aracaju no início do século XX (1906–1910)*. 2022. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2022.

JESUS, Cassiano Celestino de. *(Des)problematizando a Idade Média: reflexões sobre a perspectiva do gênero na medievalística brasileira (2000–2015)*. 2017. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

MELO, Andréa Patrícia Santos. *Representações de gênero na Aracaju ficcional de Amando Fontes: uma análise da obra Os Corumbas*. 2014. 119 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2014.

MOURA, Tháís Monique Costa. *Protagonismo feminino: um estudo sobre a rainha Berenguela (1180–1246) na Crônica Latina de Los Reyes de Castilla*. 2021. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

OLIVEIRA, Bruno Silva de. *Táticas, discursos e disputas no fazer cotidiano: corpos dissidentes de gênero e sexualidade na cidade de Campina Grande – PB (1975-1983)*. 2023. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2023.

OLIVEIRA, Maria Aline Matos de. *Em busca da liberdade: memória do movimento feminino pela anistia em Sergipe (1975-1979)*. 2020. 176 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2020.

PEREIRA, Carla Paiva. *A representação social da mulher no século XIX e a sua relação com a peça teatral “Espinhos e Flores”*. 2021. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

RABELO, Aline Augusta Rocha. *Gracejando das filhas de Eva: a mulher burguesa em anedotas oitocentistas*. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

Referências

SANTOS JUNIOR, Alexandre Gomes Carvalho. *A violação do corpo feminino no Decamerão (1348–1353)*. 2021. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

SANTOS, Aylla Maria Alves dos. *Imperatriz Teodora e a caracterização feminina elaborada por Procópio de Cesareia em História secreta*. 2021. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

SANTOS, Denise Bispo dos. *Para além dos fios: cabelo crespo e identidade negra feminina na contemporaneidade*. 2019. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2019.

SANTOS, Mislene Batista. *Mulher, educação e sexualidade nos anos iniciais do século XX: o pensamento da médica Ítala Silva de Oliveira*. 2017. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

SANTOS, Selma da Silva. *Mulheres negras nas comarcas sergipanas (1888-1940): gênero, “raça” e classe*. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

SANTOS, Valdeílza Alves dos. *A imagem da mulher aracajuana na percepção do jornal Correio de Aracaju na Belle Époque (1906–1930)*. 2017. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

SILVA, Bruna Gabriella Santiago. *Erguer a voz: as representações das mulheres negras na literatura de cordel de Jarid Arraes*. 2022. 191 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2022.

SILVA, Jane Cleide dos Santos. *Senhoras de engenhos na primeira metade do século XIX*. 2021. 111 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

SOBRAL, Letycia Nayran Santos. *Idumentária e representação feminina na sociedade colonial do século XII: repressão, transgressão e sensualidade*. 2017. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

SOUZA, Janaína de Oliveira. *A face feminina da Segunda Guerra Mundial: uma análise das atuações das mulheres no esforço de guerra a partir dos filmes O leitor (2008), As mães do Terceiro Reich (2012), A batalha de Sevastopol (2015) e As espãs de Churchill (2019)*. 2022. Monografia (Graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2022.

Autora



Regiane Rodrigues Moura é mestranda em História na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e licenciada em História pela Universidade Tiradentes (Unit). É professora de história da rede pública de Sergipe, no Centro de Excelência Leandro Maciel, no município de Aracaju/SE. ID Currículo LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3579438563001237>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9350-3148>; e-mail: regianerodriguesmoura@gmail.com.

Para citar este artigo

MOURA, Regiane Rodrigues. *Violência contra Mulher no século XIX em Sergipe: uma revisão de escopo em dissertações, teses e monografias do DHI/UFS e do PROHIS/UFS*. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 27, p. 49-57, jan./fev., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).